

Domingo XXVII do Tempo Comum – ano A

– 4 de outubro de 2020 –

1 – *“Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar e levantou uma torre; depois, arrendou-a a uns vinhateiros e partiu para longe. Quando chegou a época das colheitas, mandou os seus servos aos vinhateiros para receber os frutos”.*

A parábola deste domingo leva-nos novamente à vinha. Facilmente se visualiza o mistério pascal, que inclui a encarnação, a vida e mensagem, a morte e a ressurreição de Jesus. É também uma parábola dos tempos modernos. A vinha é o mundo. O mundo foi criado por Deus e, portanto, é Ele o proprietário. Quando chegámos, o mundo já estava cá. Quando partirmos, o mundo ficará. No entanto, cabe-nos cuidar da vinha, do mundo, e sobretudo do mundo das pessoas.

Se a vinha não é nossa, mas nos é confiada para cuidar, então, chegado o momento da colheita, caber-nos-á "compensar" o proprietário. A vinha está preparada para produzir em abundância, está protegida, tem o que é necessário para produzir em abundância. Nela existe um lagar e uma torre, para que a vigilância assegure que os inimigos não a assaltem.

Quando os servos vêm recolher os frutos, os vinhateiros escorraçam, agridem e matam. Por fim, o proprietário, *“mandou-lhes o seu próprio filho, dizendo: ‘Respeitarão o meu filho’. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro; matemo-lo e ficaremos com a sua herança’. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no”.*

“Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?”.

Talvez também nós respondêssemos imediatamente: *“Mandaré matar sem piedade esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos a seu tempo”.* O único problema, aqui, é que também nós somos os vinhateiros e muitas vezes malvados porque não produzimos o fruto no tempo certo e não cuidamos o suficiente da vinha do Senhor para que seja uma vinha promissora e rentável.

2 – O Profeta Isaías faz-nos visualizar o cuidado do Senhor para com a Sua vida, que é a Casa de Israel. Como diria ao Papa Bento XVI, o amor de Deus para conosco pressupõe uma resposta. Claro que o amor de Deus é transbordante, ama-nos para nos salvar, isto é, para que, acolhendo, sentindo e desfrutando o Seu amor, sejamos felizes. Deus ama, Deus espera, Deus confia, Deus aposta em nós. É Sua a iniciativa, antes e além do nosso merecimento, mas, como é óbvio, no ensejo de que Lhe respondamos: se formos felizes, uns e outros, então o amor de Deus produz o Seu sonho de nos envolver no Seu amor e na Sua vida.

“Vou cantar, em nome do meu amigo, um cântico de amor à sua vinha. O meu amigo possuía uma vinha numa fértil colina. Lavrou-a e limpou-a das pedras, plantou-a de cepas escolhidas. No meio dela ergueu uma torre e escavou um lagar. Esperava que viesse a dar uvas, mas ela só produziu agraços”. A descrição de Isaías será replicada na parábola narrada por Jesus. O que o Profeta anuncia, Jesus torna presente.

Não dando fruto, depois de tantos cuidados, de tanta dedicação e de tantos trabalhos, quê fazer? Se não produz, é como o sal que não salga ou como a luz que não ilumina. *“Agora vos direi o que vou fazer à minha vinha: vou tirar-lhe a vedação e será devastada; vou demolir-lhe o muro e será espezzinhada. Farei dela um terreno deserto: não voltará a ser podada nem cavada, e nela crescerão silvas e espinheiros; e hei de mandar às nuvens que sobre ela não deixem cair chuva”.* E conclui o Profeta que os homens de Judá são a planta escolhida, dos quais o Senhor esperava a retidão e a justiça, mas que têm produzido agraços, violência e vingança, injustiça e destruição. Como bem se percebe, o lamento não é uma sentença definitiva, é uma constatação e, sobretudo, uma alerta, para que não deixemos a vinha ao abandono, para que façamos render e multiplicar os dons que Deus nos dá, para invertermos o caminho e as opções que nos levam ao abismo.

3 – *“Nunca lestes na Escritura: ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos’? Por isso vos digo: Ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos”.*

Jesus continua frente aos anciãos do povo, aos doutores da lei, mas também estamos lá metidos ao barulho. Façamos por não escapar por entre os pingos da chuva, para que a Sua palavra possa inundar por completo a nossa vida, deixando que nos interpele, para que Lhe respondamos com o melhor de nós mesmos. Só quem se sente a caminho, só quem se sente precisado de aprender e amadurecer fará com que a pedra rejeitada se torne pedra angular, verdadeiro alicerce da sua vida.

As palavras de Jesus, entenda-se, mesmo as mais contundentes, não implicam exclusão ou condenação, são, antes de mais, uma provocação, para nos desinquietar, nos desinstalar, nos impelir a tomar uma decisão que nos inclua no reino de Deus, na vinha do Senhor. A vinha está disponível, e tem tudo para produzir em abundância, cabe-nos o empenho em a trabalhar. Cuidemos da criação, a começar pelas pessoas que Deus nos confia.

4 – De pouco adianta ser ambientalista, defendendo todas as espécies animais (irracionais), se desprezamos a única criatura capaz de louvar, agradecer, engrandecer e cuidar desta casa comum. É de pasmar quando alguém afirma que a natureza ficava melhor sem o ser humano, como nos meses de confinamento por causa da pandemia!

Temos os meios e as ferramentas para cuidar das pessoas e do mundo que nos rodeia. Não há concorrência. Pelo contrário, se descuidarmos o ser humano para nos fixarmos nos problemas mais específicos da ecologia, acabaremos por perder tudo. A educação e a cultura são fundamentais para modificar comportamentos e atitudes. Pode haver um número elevado de leis, normas, proibições, coimas e condenações, mas sem a mudança interior, sem educação (e sem o testemunho), não há frutos e se os há serão açambarcados por uns poucos, criando divisões, descontentamentos, revoltas e, conseqüentemente, conflitos e destruição.

O Papa Francisco faz-nos olhar para a ecologia integral, neste dia, 4 de outubro, em que a Igreja recorda a figura de São Francisco de Assis, padroeiro dos ecologistas, que nos ensina a viver em harmonia com toda a criação. Cuidar do planeta, das plantas e animais, na aposta em energias não poluentes e sustentáveis, mas cuidando, já, dos mais desfavorecidos. Um mundo onde há pobres, excluídos, pessoas a mendigar por umas migalhas da soberba, ganância e prepotência de alguns, é, e será sempre, um mundo desequilibrado, pronto a explodir. Os recursos naturais continuam a ser abusivamente explorados, sacrificando os mais pobres, pessoas e povos, e alimentando uma cadeia de poder e de supremacia que cria dependências e destrói quem possa colocar algum obstáculo. A injustiça e a desigualdade social são restilho que alimenta sociedades decadentes.

5 – Na resposta à Palavra de Deus, o salmo ajuda-nos a rezar e a comprometer-nos com o conteúdo da oração. O salmista parte da devastação da vinha, resultado, não da ação de Deus, mas do descuido dos vinhateiros. Deus não Se retirou, nós é que O afastamos. No dizer de Nietzsche, Deus morreu e fomos nós que O matámos. O anúncio do filósofo da morte de Deus, responsabiliza-nos por vivermos longe da mensagem do Evangelho, longe da postura de Jesus Cristo, amando sem medida nem reserva e dando-se por inteiro.

Com o salmista, suplicamos: *"Deus dos Exércitos, vinde de novo, olhai dos céus e vede, visitai esta vinha. Protegei a cepa que a vossa mão direita plantou, o rebento que fortaleceste para Vós"*. E com o pedido, como dissemos, vem o nosso propósito comprometido: *"fazei-nos viver e invocaremos o vosso nome. Senhor Deus dos Exércitos, fazei-nos voltar, iluminai o vosso rosto e seremos salvos"*.

Também a oração, com que iniciámos a Eucaristia, nos predispõe no mesmo pedido: *"Deus eterno e onnipotente, que, no vosso amor infinito, cumulais de bens os que Vos imploram muito além dos seus méritos e desejos, pela vossa misericórdia, libertai a nossa consciência de toda a inquietação e dai-nos o que nem sequer ousamos pedir"*.

6 – São Paulo, na segunda leitura, desafia-nos a confiar no Senhor, em todas as circunstâncias, na bonança e na adversidade, quando a vida é tranquila e quando o chão nos escapa. *"Não vos inquieteis com coisa alguma. Mas, em todas as circunstâncias, apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com orações, súplicas e ações de graças. E a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus"*.

E o Apóstolo prossegue, dizendo-nos que em tudo procuremos o que é justo e reto, nos pensamentos e nas obras. Se assim for, a paz do Senhor estará connosco.

Pe. Manuel Gonçalves

Textos para a Eucaristia (ano A): Is 5, 1-7; Sl 79 (80); Filip 4, 6-9; Mt 21, 33-43.